



Pra não dizer que não falamos de amor

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil). Pesquisadora do CNPQ nível 1 C
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana/ ISEPOL
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise, Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Rio de Janeiro, Brasil)
E-mail: taniacs@openlink.com.br

Não pode ser uma coincidência. Quatro artigos nos foram enviados para esse número versando sobre o tema do amor. Será que ainda existe alguma coisa nova a dizer sobre isso? Poetas, cantadores, dramaturgos, escritores e apaixonados já disseram tudo ou haveria ainda alguma coisa a dizer? Este número traz o tema a baila e esperamos despertar o interesse do leitor pela grande qualidade desses escritos.

Carlos Alberto R. Costa e Rebeca Espinosa Amaral trazem reflexões psicanalíticas sobre o amor a partir de Eros, uma das palavras utilizadas pelos gregos para definir o amor, lembrando que este pode ser um caminho para trabalhar a temática amorosa. Acreditam que essa investigação no campo psicanalítico apresenta importantes referências e alusões a este termo. Para isso, apontam algumas articulações entre o conceito de amor na psicanálise e o conceito de Eros. Evidenciam o paradoxal movimento em que ora Eros parece abarcar o amor, e, ora o amor parece caminhar entre as dimensões pulsionais Eros e Tânatos. Com este objetivo, os autores se dedicaram a uma revisão bibliográfica de obras da psicanálise e algumas articulações destas à obra *O Banquete* de Platão. A pluralidade semântica, as relações entre amor e falta e a complexidade dos processos afetivos ligados à esfera erótica os levaram a estabelecer certo contraste entre as tradições mítico-filosóficas clássicas e o discurso psicanalítico, pois, se naquelas o direcionamento ao "Bem supremo" e a Unicidade se fazem horizonte e alvo, naquele vemos como que o Um que tensiona o amor não poderia existir se não fosse a falta, mãe de Eros e condição de existência do amor.

Erika Vidal de Faria e Márcia Maria Rosa V. Luchina trazem uma discussão à respeito da pulsão "Mais além do Édipo", retomando o caso da jovem homossexual para repensar o gozo feminino e o "engano de Freud". Partem de um comentário feito por Jacques Lacan em seu Seminário 17: o avesso da psicanálise, sobre o "engano de Freud" no que concerne à condução de suas pacientes histéricas, substituindo o saber que elas lhe proporcionavam pelo mito do Édipo. Lacan sugere que Freud tinha apenas de comer, literalmente, aquilo que lhe ofereciam na palma da mão. Partindo deste ponto as autoras investigaram o que foi oferecido a Freud por

uma de suas pacientes mais paradigmáticas, a saber, a jovem homossexual. As autoras servem-se de sua biografia para repensar o caso com a perspectiva de avançar para além de uma edipianização do inconsciente, levando em consideração as nuances do gozo feminino, a relação transferencial com o analista e o último ensino de Lacan.

Fernanda de Souza Borges aborda a constituição do sujeito em suas relações com a sexualização, interrogando-as a partir da clínica. Partiu da premissa de que a constituição do sujeito como produto dos efeitos do significante é solidária à assunção de uma posição sexualizada. Esta, por sua vez, é efeito da subjetivação de tal incidência. Seu objetivo, neste momento, foi o de percorrer algumas das teorizações que sustentam a tensão entre os termos constituição/sexualização, com ênfase nas contribuições de Freud a respeito do funcionamento mental e do complexo de Édipo e de Lacan, em especial suas contribuições a respeito do Édipo, função paterna e significação fálica. A autora acredita, coisa que sua tese ainda precisará verificar, ser possível encontrar nos processos subjacentes à constituição do sujeito os elementos que demarcam ao longo desse percurso a dissimetria estrutural de homens e mulheres para circunscrever e subjetivar o gozo. Lembrando que o ser sexualizado não é o mesmo que o sujeito do inconsciente. Porém, ela parece antecipar a certeza de que há uma profunda solidariedade entre a constituição de um sujeito falante e as possibilidades da posição sexualizada.

Paulo Eduardo Viana Vidal e Flavia Bonfim trazem o artigo intitulado: "Uma canção, uma resposta: sobre o modo do homem se dirigir a uma mulher". A proposta presente neste artigo versa sobre o modo do homem se dirigir a uma mulher. Para introduzir esse tema, os autores tomaram como pano de fundo duas canções: "Garotos", composta por Paula Toller e Leoni, e "Garotos II, o outro lado", escrita somente por Leoni em resposta à primeira. Ambas as canções se propõem a apresentar diferentes versões sobre a forma de amar do lado masculino: uma da perspectiva de uma mulher e, a outra, da de um homem. A partir desse ponto de partida, a discussão se operou em torno da bifurcação da vida amorosa, da forma fetichista do homem amar, sobre a noção da mulher como causa de desejo e como sintoma do homem, demarcando com isso o desencontro amoroso inevitavelmente presente nas parcerias sexuais.

O tema do amor se desdobra no campo da educação. Afinal a relação educativa é uma relação amorosa, atravessada por todas as ambivalências, conflitos e hostilidades que a caracteriza. Rosa Guedes Lopes e Tatiana F. Coutinho trouxeram o artigo intitulado "Psicanálise e educação: um diálogo possível?" Freud reconhecia a importância da educação para a civilização, mas criticava a pedagogia de sua época por repercutir a moral civilizada moderna, causando neuroses. Os fins da educação são maléficos se desconhecerem os desejos inconscientes e os conflitos que eles provocam diante das exigências do mundo externo. A teoria sobre a sexualidade infantil permitiu que se pensasse em uma "educação ou uma pedagogia psicanalítica". Mas esta esperança terminou quando Freud construiu a segunda teoria pulsional. Se em 1911 ele definia a educação "como um incentivo à conquista do princípio do prazer e à sua substituição pelo princípio de realidade", em 1925, advertido pela

pulsão de morte, passou a situar a educação como uma das “três profissões impossíveis”. Educar, analisar e governar são tarefas impossíveis porque, filhas da ciência moderna, partem do real como impossível. Ao que poderíamos acrescentar, se a relação sexual não existe, como a relação educativa poderia ter um fim melhor?

André Luiz Pacheco da Silva, Elizabeth Cristina Landi pretendem articular a contribuição da psicanálise lacaniana, a partir do significante fálico, para tentar responder à questão do feminino, tendo em vista que as construções teóricas freudianas acerca da sexualidade humana encontram obstáculos quando se trata deste problema. Inicialmente, procuram compreender o significante enquanto conceito da linguística estrutural, bem como seu lugar na teoria psicanalítica. Discutem também a importância do conceito de falo na constituição do sujeito e na fundação do desejo, além de sua relação com a sexualidade feminina. Concluem que o falo é o significante capaz de dar suporte simbólico à falta estrutural.

Vanessa Serpa Leite e Rogério de Andrade Barros se debruçam sobre o tema dos “Novos sintomas: o que há de contemporâneo no mal-estar?”. Seu artigo tem como objetivo discutir o conceito de sintoma desde a concepção freudiana até o termo “novos sintomas”, tal como proposto na atualidade pelos autores do campo freudiano. Destacaram o que é considerado estrutural na constituição de um sintoma de acordo com a perspectiva freudiana, adicionando leituras de Lacan e Miller. As referências freudianas sobre as “neuroses atuais” foram utilizadas no intuito de estabelecer correlações com o estatuto dos novos sintomas como pouco permeáveis à palavra. A discussão de dois casos clínicos como paradigmas do sintoma clássico e do sintoma contemporâneo nos oferece um rico material para discussão a respeito da incidência da cultura e do avanço técnico-científico na prática da psicanálise.

Clarice Medeiros aborda a presença da lesão que é buscada pela medicina, com o objetivo de autenticar uma patologia ou uma dor. Propõe nesse trabalho pensar a lesão, do ponto de vista da psicanálise, como uma escrita no corpo. Ao articularmos lesão e trauma, acreditamos ser possível concebê-la como uma marca do real que incide sobre o corpo do sujeito. A lesão configura-se assim como um destino possível, singular, diante do encontro com o real. Da cifra à letra, a aposta da análise é, ao invés de contar lesões (cifra de gozo), que o sujeito possa ir contar a sua história, sempre singular.

Finalmente, temos a excelente oportunidade de revisitar um texto freudiano clássico: “Acerca de uma visão de mundo”, onde ele analisa a questão de uma *Weltanschauung* científica da psicanálise. Flavia Lana Garcia de Oliveira com seus alunos da graduação da UFF, Angelo Márcio Valle da Costa, Danilo Caetano, Ariel Moura, Gabriel Galliza e Daniel Barros fizeram dele uma resenha que convido vocês a avaliarem a qualidade e, sobretudo, a importância dela para a formação do estudante de psicologia.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (nov. 2018 a abr. 2019). Pra não dizer que não falamos de amor. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 1-4. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n27p01-04

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 03/08/2018 / 08/03/2018.

Aceito/Accepted: 12/10/2018 / 10/12/2018.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.